

Dunas de água

Javier Sobrino

Ilustrações Alfonso Ruano

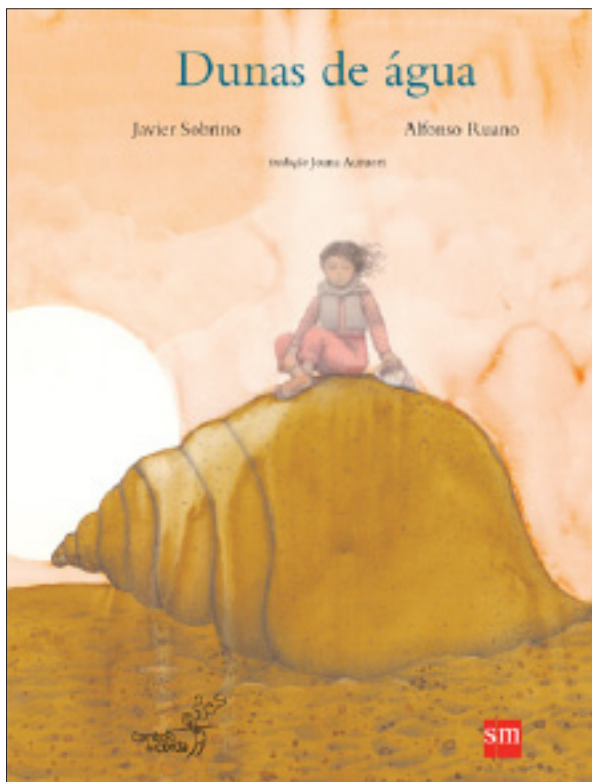
Tradução Joana Autuori

Temas abordados Fantasia • Imaginação • Outras culturas • Deserto



GUIA DE LEITURA

PARA O PROFESSOR



32 páginas

JAVIER SOBRINO nasceu nas Astúrias, Espanha, em 1960. Professor de educação infantil, escreve livros para crianças e trabalha com promoção de leitura. Vinculado há mais de vinte anos ao coletivo Peonza, recebeu o prêmio internacional da Biblioteca Insular Gran Canária (ilhas Canárias, Espanha) na categoria Álbum Ilustrado.

ALFONSO RUANO nasceu em Toledo, Espanha, em 1949. Estudou pintura na Escuela de Belas-Artes de Madrid e, desde 1976, trabalha como diretor de arte nas Ediciones SM da Espanha. Recebeu os prêmios America's Book e o Jane Addams Children's Book, entre muitos outros.

ENTRE SONHO E REALIDADE

Dunas de água é uma narrativa em prosa, com forte carga poética, que fala sobre espera e passagem do tempo, sonho e desejo de alcançar o desconhecido.

O livro começa com a protagonista Zohra, jovem tuaregue que vive no deserto do Saara, caminhando entre as dunas com um odre de água nas costas. Como outras meninas de seu povo, ela acompanha as mulheres nos afazeres cotidianos. Naquele dia, porém, embora fosse a menor das garotas, deram-lhe um odre cheio. Carregar aquele peso acaba se mostrando mais difícil do que imaginara, sobretudo quando precisa subir uma duna imensa.

Apresentada dessa forma, já se subentende que a protagonista está prestes a passar para outro estágio da vida, ou seja, o preâmbulo do universo adulto (“dessa vez lhe deram um igual ao das outras mulheres”, p. 7). O texto ainda sugere que essa vida não será tão fácil como pode parecer a uma criança.

ONDAS E DUNAS

As ondas do mar se formam pela ação do vento sobre a superfície da água, criadora de forças de pressão e fricção que alteram o equilíbrio da superfície dos oceanos. Quanto mais forte for o vento e mais tempo ele durar, maior será o tamanho da onda. Nela, as partículas de água se movem em círculos. Para entender isso, basta observar objetos flutuando: quando uma onda passa por eles, deslocam-se para cima e para baixo, num movimento circular.

Se no mar o vento gera as ondas, nos desertos ele é o responsável pelas dunas. Justamente por serem montanhas de areia formadas pela velocidade do vento, elas variam de tamanho e se deslocam. Também tendem a ser maiores de um lado, conforme o sentido do vento. Existem cinco formas ou movimentos das dunas de areia: crescente, linear, estrela, domo e parabólica.

Em *Dunas de água*, tanto as ondas como as dunas funcionam como imagens de apelo poético, e o contraste entre as duas é bastante explorado. O próprio título se mostra como uma construção de grande força metafórica – as *dunas* representam a realidade da personagem, enquanto as *ondas* estão no universo do desconhecido, da fantasia e do desejo.

Vencida a pesada tarefa, Zohra toma chá com a mãe, os avós e algumas convidadas, também pela primeira vez – mais um indício de que ela está deixando de ser vista como criança. Nesse meio tempo, ela ouve a avó contar uma antiga história sobre **ondas e dunas**, “quando o deserto era um imenso mar azul e as ondas balançavam com o vento, formando grandes dunas de água” (p. 10). Esse momento é importante, pois servirá como mote da narrativa: a partir daí a garota não fará outra coisa senão sonhar com o mar e as ondas, que o vento cria com pequenas gotas de água, assim como constrói dunas com grãos de areias.

Esse contraste entre deserto e mar constitui a principal metáfora do livro. O deserto é a segura, a areia, as dunas. Representa a única (e dura) realidade que Zohra conhece. A ideia do mar – que, em vez de areia, tem água; em vez de dunas, ondas – mexe com a cabeça da menina e a faz sonhar. Mar e deserto se opõem tal como sonho e realidade, futuro e presente.

Em seu primeiro sonho, Zohra vê o pai como pescador, de cujas redes recolhe peixes e estrelas. Quando acorda, a menina diz à mãe que quer continuar sonhando e pergunta quando voltará a caravana na qual o pai saíra em busca de sal. Assim se colocam os dois grandes anseios da personagem: ao lado do desejo de conhecer o mar, ela vive a expectativa do retorno paterno. Na verdade, esses anseios estão conectados, pois o pai seria a única pessoa que poderia lhe apresentar o mar.

Ao dizer que quer prosseguir no sonho, o que a menina parece de fato afirmar é que a vida real no deserto não lhe interessa e seu alento estaria em um lugar desconhecido, mas muito diferente daquele onde vive. Só que tudo lhe parece tão difícil... O mar “fica longe, muito longe” (p. 16) e o pai ainda demora a voltar.

Mas o tempo – outra *personagem* importante nessa história – passa, e o pai de Zohra regressa muitos dias depois do previsto. Como presente para a filha, traz uma concha, na qual ela pode ouvir o som do mar. Ele então promete que, quando a menina completar treze anos, poderá ir com ele e a caravana até a costa, para conhecer o mar dos mares, o oceano.

A narrativa termina falando da ansiedade da garota para que o tempo passe depressa e ela possa realizar seu desejo – o que pode ser lido como o típico anseio adolescente de entrar logo na vida adulta, na esperança de que seja melhor que a infância. Enquanto espera, todos os dias Zohra leva a concha ao ouvido e sonha flutuar “num mar de águas azuis, num mar de dunas azuis” (p. 28).



DESERTO DO SAARA

Os principais fatores que definem os desertos são a baixa precipitação pluviométrica (pouquíssima chuva) e a conseqüente aridez extremada. Existem vários tipos deles, que podem ser até mesmo frios, como os desertos polares e alguns na Ásia. Os principais são o da Antártida, do Saara (no norte da África), da Arábia (na Península Arábica, entre África e Ásia), de Gobi (na Ásia, entre sul da Mongólia e norte da China), do Kalahari (no sul da África), o Grande Deserto Arenoso (na Austrália), o Karakum (na Ásia Central), o Taklamakan Shamo (na China, Ásia), o da Namíbia (no sudoeste da África) e o Thar (no noroeste da Índia e leste do Paquistão, na Ásia).

O maior deserto quente do mundo (e também o mais famoso) é o Saara, com uma extensão de mais de nove milhões de quilômetros quadrados (superfície maior que o território brasileiro inteiro). ►

DESENHOS DE ÁGUA

As expressivas ilustrações de Alfonso Ruano são determinantes na construção da narrativa e das imagens poéticas que permeiam o livro. São desenhos carregados de realidade e fantasia, em profundo acordo com a proposta do texto.

A técnica utilizada é a aquarela, e essa escolha não parece casual. Como se sabe, na aquarela as tintas são diluídas em *água*, elemento que resume a grande metáfora da história, presente inclusive no título.

Ao longo de toda a obra, alternam-se basicamente dois matizes: o ocre, usado para retratar o deserto, a realidade, e o azul, que representa o mar, a fantasia. A alternância das cores se revela um recurso delicado e criativo para ilustrar e complementar o texto, levando o leitor ora para as dunas do deserto e a vida real, ora para as ondas do mar e o mundo dos sonhos.

QUEM SÃO OS TUAREGUES?

A história de *Dunas de água* se passa no **deserto do Saara** e as personagens são tuaregues, povo muito antigo.

No norte do continente africano vivem vários grupos nômades conhecidos como *berberes*. Os *tuaregues* formam um deles e são constituídos basicamente por pastores, agricultores e comerciantes. Em suas origens, eram nômades, mas muitos foram obrigados a se fixar para sobreviver.

Estima-se que a população tuaregue seja de 1,5 milhão de pessoas, espalhadas por todo o deserto do Saara. A maior concentração está numa área que abrange vários países (principalmente Mali, Níger, Argélia, Líbia e Burkina Faso). Suas origens não são totalmente conhecidas. Como ao longo da história houve muita miscigenação entre eles, hoje é possível encontrar indivíduos loiros, ruivos e negros.

Embora não sejam árabes, a religião dos tuaregues é o islamismo, que não é seguido com muito rigor, principalmente por causa do nomadismo, que os impossibilita de cumprir algumas obrigações. Além disso, eles conservam crenças animistas pré-islâmicas, afirmando a existência de divindades do deserto, como pedras, água, fogo e montanhas.

A etimologia do nome *tuaregue* não é consensual. É provável que essa palavra derive de *Targa* (nome de uma província no sul da Líbia), mas existe uma versão bastante difundida segundo

▶ Essa área enorme compreende parte dos territórios de vários países africanos (Argélia, Burkina Faso, Chade, Egito, Líbia, Mali, Marrocos, Mauritânia, Níger, Saara Ocidental, Senegal, Sudão, Tunísia) e as bacias dos rios Nilo e Senegal. Por seu grande tamanho, o Saara consiste num divisor natural da África.

Seu clima é um dos mais áridos do mundo, com temperaturas que podem atingir mais de 50°C durante o dia. Como a amplitude térmica é muito grande, à noite as temperaturas caem de forma drástica, chegando a 0°C. A vegetação está ausente na maior parte, sendo encontrada basicamente nas áreas férteis de oásis. Camelos, dromedários e cabras são os animais dominantes do Saara por suas habilidades de sobrevivência.

Apesar das adversidades, vários povos árabes e berberes vivem no deserto, dentre os quais se podem destacar os tuaregues e os beduínos. A principal língua falada entre eles é o árabe, mas existem outras, a maioria delas berberes.



a qual *tuaregue* é uma variação do árabe *twariq*, que significa “abandonado por deus” – refletindo a desaprovação de suas práticas religiosas pelos muçulmanos ortodoxos. Os tuaregues, por sua vez, referem-se a si próprios com o termo *imazighen*, que significa “homens livres”. Mais recentemente eles têm preferido afirmar sua identidade chamando-se de *kel tamasheq*, que quer dizer “os que falam *tamasheq*”. *Tamasheq* é o nome de sua língua, que, com efeito, é o principal elo entre os vários clãs e tribos tuaregues, sendo o que os caracteriza como um povo, mais do que as linhagens genéticas.

Tradicionalmente, a sociedade tuaregue é hierárquica, com nobreza e vassalagem. Cada clã é constituído de vários grupos familiares, liderados por chefes coletivos. Algumas tribos podem se unir em torno de um chefe, dando origem a uma confederação. A casta mais alta é formada pelos guerreiros aristocratas. Mas a maioria dos tuaregues pertence à classe dos “homens livres”. Existem também o grupo dos antigos escravos e o dos religiosos.

Até meados do século XX, quando a infraestrutura (estradas e linhas férreas) da Europa colonial começou a ser criada, as caravanas de camelos representavam papel essencial no comércio transaariano. Elas formavam rotas através do deserto, da costa mediterrânea africana até as grandes cidades ao sul do Saara, e levavam, entre outras mercadorias, pérolas, cerâmicas, vidros, açafraão, tâmaras, farinha e sal. Na atualidade, as caravanas têm importância bem menor. Em *Dunas de água*, Zohra aguarda justamente a volta de uma em que está seu pai.

Os tuaregues demoraram a permitir que suas crianças frequentassem as escolas seculares (não religiosas), pois não confiavam em instituições governamentais. Hoje, porém, reconhecem a importância da educação formal. A maioria dos habitantes das áreas rurais conclui pelo menos a educação básica. Alguns continuam os estudos em escolas nas cidades, mas poucos chegam à universidade. No livro, vemos que a personagem frequenta uma escola no deserto.

A sociedade tuaregue é matrilinear (liderança, descendência e herança são definidas pela linhagem da mãe), mas não é matriarcal – quem detém o poder são os homens. No entanto, diferentemente do que acontece com outros grupos islâmicos, as mulheres tuaregues são muito respeitadas e têm liberdade, participando de decisões familiares e também tribais.

Outra peculiaridade desse povo é que são os homens, e não as mulheres, que ocultam o rosto. No início da vida adulta, os rapazes começam a usar um véu azul-índigo, chamado *tagelmust*, bastante característico. Ele cobre praticamente toda a cabeça, deixando à vista apenas os olhos. Eles acreditam que assim ficam protegidos dos maus espíritos. Mas o fato é que os véus cumprem uma função prática importante, protegendo-os do terrível sol do deserto e das rajadas de areia. Esse costume rendeu aos tuaregues as denominações de *homens azuis do Saara* e *homens de véu* (em um de seus sonhos, Zohra sonha “com um mar de véus azuis”). Hoje em dia, o *tagelmust* é usado quase que exclusivamente pelas classes mais altas; a maioria dos tuaregues veste véus mais simples, nem sempre azuis.

NA SALA DE AULA

- Antes da leitura de *Dunas de água*, prepare o terreno para os alunos, de modo que eles se familiarizem com a ambientação e a temática da história. Em uma roda, pergunte se todos já viram o mar de perto. Caso alguns ainda não o conheçam, estimule-os a falar sobre como imaginam que ele seja, quais sensações teriam ao pisar na areia, ao sentir as ondas molhando os pés etc. Para os que já foram à praia, sugira que falem como foi a primeira vez que viram o mar, o que eles sentiram, se a experiência foi como haviam imaginado etc.
- Em seguida, peça aos alunos que falem o que sabem sobre deserto: como é o clima, se pessoas vivem lá, que animais são encontrados etc. Eles podem contar histórias que ouviram, filmes a que assistiram etc. Depois de explorar o tema, mostre fotos do deserto do Saara e forneça as explicações que julgar importantes, inclusive sobre os tuaregues (quem são, onde vivem, costumes etc.).
- Concluída a leitura do livro, estimule os alunos a comentar as impressões que a história de Zohra lhes causou. Primeiro, deixe-os falar livremente. Depois, sempre buscando a opinião deles, dirija a conversa propondo algumas questões. Se possível, aproveite o que eles mesmos disseram. Algumas sugestões: por que Zohra queria tanto conhecer o mar? Será que ela gostava da vida que levava



no deserto? Por quê? O que será que ela sentiria quando conhecesse o mar?

- Discuta com eles o título do livro. Por que se chama *Dunas de água*? O que isso quer dizer exatamente? Faça-os ver que, na história, deserto e mar têm um significado metafórico e proponha um paralelismo entre deserto e realidade, mar e fantasia. Para que os alunos entendam melhor, sugira comparações que eles possam compreender. Por exemplo, associe alguma situação real do cotidiano deles com a ideia de deserto. Em seguida, peça que relatem sonhos ou fantasias e então faça a associação com o mar, como na história.
- Chame atenção para a grande diferença que existe entre o mundo e os costumes dos tuaregues e a realidade que os alunos vivenciam no Brasil. Aproveite para falar da existência de diversos povos no mundo e sobre como é importante respeitar o modo de ser de cada um deles. Pergunte se os estudantes conhecem alguma criança estrangeira ou filha de estrangeiros. Pergunte também sobre os hábitos dela. A intenção aqui é estimular um debate sobre a tolerância e a importância do respeito às diferenças.
- Explore os sonhos de Zohra com os alunos. Divida a turma em três grupos. Encarregue cada um deles de conversar sobre um dos três sonhos que são relatados no livro, considerando também as ilustrações. Eles devem falar sobre todos os elementos, o que há de comum e o que há de estranho no sonho, o que eles acham que querem dizer esses sonhos, se poderiam ser realidade etc. Finalizadas as discussões, cada grupo deverá apresentar suas impressões e conclusões para o restante da turma.
- Continue a conversa sobre sonhos. Agora, incentive-os a falar dos próprios. Pergunte se sempre lembram-se do que sonharam, com que frequência sonham; peça que relatem sonhos bons e ruins que tiveram, que os comparem com a realidade etc. Eles podem também desenhá-los.
- Em seguida, explore o outro uso da palavra *sonho*, no sentido de desejo. Peça que falem de seus anseios: coisas que gostariam de mudar em suas vidas, lugares que teriam vontade de conhecer, experiências que gostariam de ter, situações que apreciariam vivenciar etc. Aqui também podem desenhá-los e, com estes e os anteriores, formar um mural na classe sobre os dois sentidos da palavra *sonho*.



SEMIÁRIDO BRASILEIRO

No Brasil não existem desertos, mas temos o clima semiárido, que se estende por uma área de quase um milhão de quilômetros quadrados, abrangendo a região Nordeste (a maior parte dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) e o norte de Minas Gerais, no Sudeste. Nessa área, também conhecida como *sertão*, vivem cerca de 28 milhões de pessoas – a maioria em situação de pobreza.

As principais características das zonas semiáridas são: baixos níveis de umidade, escassez de chuvas anuais, irregularidade no ritmo das precipitações ao longo dos anos, prolongados períodos de carência hídrica, solos problemáticos e ausência de rios perenes.

A seca é um dos principais problemas que historicamente castiga o sertão nordestino, com sérios prejuízos e consequências, variando conforme a duração da estiagem. Uma seca severa causa perda de produção agrícola, enfraquecimento ou dizimação do rebanho e desaparecimento das reservas de água da superfície. Nessas condições, as camadas mais pobres da população rural se tornam vulneráveis e sua sobrevivência passa a depender das políticas de auxílio governamentais.

Muita gente, entretanto, prefere se deslocar para outras regiões do País ou para as áreas urbanas do próprio Nordeste, configurando o conhecido fenômeno da migração nordestina, cuja história atravessa o século XX e chega até os dias de hoje. Suas causas estão diretamente relacionadas à desigualdade social brasileira: para

- Compare as características do deserto com as do clima **semiárido brasileiro**, típico do sertão nordestino. Ressalte as semelhanças e diferenças. Não deixe de falar das secas, da pobreza e da migração. Se necessário mostre fotos ou filmes.
- Trabalhe com as ilustrações. Peça que olhem para as imagens e descrevam o que estão vendo. Chame atenção para a variação das cores conforme as situações relatadas (realidade e sonho). Depois, proponha um novo trabalho de arte: eles devem fazer desenhos que representam a realidade, usando mais de uma cor, e outros que representem a fantasia, com uma cor contrastante. O ideal seria usar aquarela ou guache, que são tintas solúveis em água. Se não for possível, pode ser com lápis de cor ou *crayon*. Concluídos os desenhos, faça uma exposição na própria sala, para que todos vejam os trabalhos, e peça que comentem os dos colegas.



fugir da estagnação social e das dificuldades climáticas, as pessoas se dirigem às áreas mais ricas em busca de oportunidades. Com a estabilidade econômica dos últimos anos, porém, tem diminuído a quantidade de nordestinos que resolvem deixar suas terras.

É interessante notar que essa mobilidade da população pode ser vista sob perspectivas distintas. Se, por um lado, é comum ouvir que o nordestino é expulso de suas terras pelas condições sociais, econômicas e ambientais, por outro, a migração também pode ser encarada como uma escolha contra a miséria e a pobreza da vida no sertão. Migrar, nesse sentido, seria uma decisão do indivíduo, uma tentativa de dar um basta à vida miserável. Seria pegar o destino com as próprias mãos, recobrando o desejo e a esperança de uma vida digna.

DICAS DE FILMES, LIVROS E SITES

PARA O ALUNO

FILMES

- *O pássaro azul* (1940), de Walter Lang, conta a história de uma menina (interpretada por Shirley Temple) que parte em busca do pássaro azul da felicidade. Ao retornar, ela descobre que o que procurava sempre esteve em sua casa.
- *O príncipe do Egito* (1998), de Steve Hickner, Simon Wells e Brenda Chapman, é uma animação baseada na famosa história bíblica de Moisés, o libertador dos hebreus.
- *Mary Poppins* (1964), de Robert Stevenson, é um clássico do gênero musical sobre uma babá muito especial, que tem o poder de transformar fantasia em realidade.

LIVROS

- BARBOSA, Rogério Andrade. *ABC do continente africano*. São Paulo: Edições SM, 2007.
Livro sobre a diversidade cultural da África, com informações sobre religiões, cidades, vilarejos, grandes líderes do continente africano etc.
- PRADO, Lucilia Junqueira de Almeida. *Uma camela no pantanal*. São Paulo: Edições SM, 2007.
Ao contar a história de uma camela grávida que aparece no meio do Pantanal mato-grossense, este livro propõe uma reflexão sobre a importância do meio ambiente e do acolhimento das diferenças.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Tempo de voo*. São Paulo: Edições SM, 2009.
Num diálogo poético e filosófico, um adulto e uma criança refletem sobre a passagem do tempo e a percepção que as pessoas têm da memória e das etapas da vida.
- RAMOS, Graciliano. *A terra dos meninos pelados*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
Um menino diferente dos outros e vítima de discriminação faz uma viagem a um país onde acontecem coisas maravilhosas, como num sonho, mas no final ele prefere voltar, pois tem de estudar uma lição de geografia.



PARA O PROFESSOR**SITES**

- O jornal português *Público* traz uma boa matéria sobre os tuaregues:
<http://www.publico.pt/Mundo/quem-sao-os-homens-que-dividiram-o-mali-1541170?all=1>
- O Ministério da Integração Nacional disponibiliza a cartilha *Nova delimitação do semiárido brasileiro*:
<http://www.mi.gov.br/desenvolvimentoregional/publicacoes/delimitacao.asp>
- Wikipédia (verbetes Tuaregues, Deserto do Saara, Clima semiárido):
<http://pt.wikipedia.org>



ELABORAÇÃO DO GUIA ADILSON MIGUEL, EDITOR DE LITERATURA, COM FORMAÇÃO EM FILOSOFIA PELA USP, E ORGANIZADOR DE COLETÂNEAS DE POESIA E CONTOS. PREPARAÇÃO GRAZIELA R. S. COSTA PINTO. REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA.